

O povo que planta pedra

José Carlos Meirelles*

Existe um povo nas terras firmes do alto rio Envira que já viu muitas coisas estranhas que homens de outro povo fazem, riscando árvore de leite, cortando árvores e não plantando nada no lugar, matando veados, porcos e onças e aproveitando só o couro.

Sem nenhum motivo, os homens desse estranho povo, com suas armas compridas e ocas que gritam como trovões, enchem os corpos dos nossos de caroços pequenos e enfeitiçados que matam. Nas noites sem lua, à beira da fogueira, os mais velhos conversam, pensam, falam, trocam idéias e tentam colocar os que fazem isso na categoria de homens verdadeiros. Amanhã é dia de caçar. O moquém está vazio e as mulheres estão brabas!

E nós – 21 trabalhadores da firma que foi demarcar a Terra Indígena Kampa e Isolados do Envira, três Ashaninka, eu e mais dois mateiros – nos preparamos para entrar na mata e fazer as picadas da demarcação. Picadas que desconfiei que passassem próximas à maloca dos índios isolados. A impressão de que isso não ia dar certo não me saía da cabeça. E lá fomos nós, dar aos índios o direito àquela terra!

Ispaô, homem de meia idade, bom caçador e filósofo, rastejava um bando de porcos do mato, usando só a vista, pois a cabeça pensava na terra, naquele chão que ele e os porcos pisavam.

Meu avô dizia que a terra não é nossa, nós somos da terra. Sábio avô, com o nome que herdei. Primeiro neto, nome do avô. Os porcos estavam perto, o cheiro doía nas ventas.

Atravessaram uma grota e...

Um caminho estranho na mata. Largo, uns seis ou sete passos, todo cortado. Os matos finos com corte liso, como mordida de onça. Os mais grossos com pequenas mordidas, como besouro serra-pau, rolados em pedaços. Muito rastro estranho, com pés sem dedos. O ouvido fino de Ispaô escutou um som rouco, ora agudo, ora grave. O som parou e deu lugar ao de uma grande árvore caindo. Os porcos, espantados, correram a todo casco, como quem farejou o diabo!

Ispaô tomou chegada pelo lado do caminho até ver quase 30 homens, todos entretidos na tarefa de fazer o caminho que vai no rumo da maloca.

As histórias do vovô!!! Trovões, gritos, mulheres mortas, crianças espetadas e nossos homens sendo mortos...

De volta pra maloca, quase correndo, a cabeça zunindo de tanto pensar, Ispaô deu a notícia ao povo, entre exclamações e gestos rituais. A noite era pequena para a reunião dos homens em torno dos mais velhos. Sim, é preciso fazer alguma coisa. Amanhã vamos ver onde estão acampados, quantos são, o jeito deles.

Saí para dar uma volta em torno do acampamento, ver sinais e matar alguma caça. Vi caça braba e macaco arisco. Vi também vestígios de parentes isolados, do dia!!! A sensação do isto-não-vai-dar-certo voltou mais forte. À noite, inambus, macacos, urus, macucaus e mutuns resolveram dormir perto do acampamento. Os parentes!

Ispaô e outros homens foram escalados para vigiar os homens do caminho grande e, de preferência, não deixá-los dormir, arremedando todo tipo de bicho. *Quem sabe eles não ficam com medo e vão embora. Ao mesmo tempo, outros homens foram escalados para queimar a casa do barbudo, de onde esse bando de gente veio.*

Assim foi feito. De manhã, quando falamos com nossa base, que havia ficado com apenas dois trabalhadores, fomos informados de que a Frente Envira¹ havia sido totalmente queimada! A presença de espírito de nossos mateiros salvou somente o radiotransmissor, a bateria e a antena. O resto virou cinza. E todos nós na mata estávamos cercados pelos parentes. Voltar como? Solicitei um helicóptero do Exército para nos retirar, com temor de que, na volta, pudéssemos ser atacados pelos parentes que estavam sóesperando a gente se movimentar. Na mata se enxerga com o nariz e os ouvidos. Quem não quer ser visto que fique quieto. Não ande. Assim fizemos, além de uma clareira, em tempo que, se cronometrado, entraria para o livro dos recordes.

Dois dias depois, fomos retirados por um helicóptero do Exército, em três viagens. Ispaô e seus companheiros, depois de correrem assustados com *o gafanhoto enorme que comeu os homens do caminho e os levou em sua barriga verde*, foram examinar o caminho. Tanta árvore derrubada, mato cortado, um estrago. *Pedras quadradas, feitas pelos homens do caminho grande, apareciam depois de se andar uma mesma distância. Pedras estranhas, com um olho amarelado brilhante em sua cabeça.* Nós deixamos para trás uma picada com seis metros de largura, os marcos de mil em mil metros e uma enormidade de mata derrubada.

Aliviados com nossa saída, Ispaô e os seus, após várias noites de histórias, risos e dúvidas, ainda não tinham chegado à conclusão de que tipo de homens eram aqueles que derrubam mato à toa, fazem caminho que não leva a lugar nenhum, não plantam nada onde derrubam e são engolidos por um gafanhoto gigante. E o pior: como chamá-los, quando a história fosse contada para as futuras gerações? As chuvas do inverno começaram. Dentro da maloca, as discussões continuaram sobre o povo misterioso do caminho grande. Ispaô, num canto, ajeitava a pena de mutum numa flecha de matar macaco. A roda de homens continuava a discutir o assunto. Afinal, que povo doido era esse?

Lampejando sabedoria, Ispaô, num pulo, gritou:

– *É o povo que planta pedra!!!*

Todos sorriram, a discussão acabou. Era hora de dormir. No dia seguinte, tinha muito que fazer. As mulheres já tinham ido, muito brabas, com a discussão que não acabava mais, reclamando que os maridos acordariam tarde e com preguiça de caçar.

¹ Frente de Proteção Etnoambiental Envira, da CGII-FUNAI, que atua na fronteira do Acre com o Peru

*** José Carlos dos Reis Meirelles, indigenista da FUNAI desde 1970, trabalha há 20 anos com os índios autônomos da região do rio Envira, no Acre. Participou da demarcação da Terra Indígena Kampa e Isolados do Envira.**

Publicado na Revista Brasil Indígena-FUNAI, Ano III, n° 5, dez/jan 2007, pg.46-47. Reprodução neste e-sítio gentilmente autorizada pelo autor.